

A person with dark hair, wearing a blue robe with yellow trim, stands with their eyes closed and their right hand extended palm-up. The background is dimly lit, featuring two lit candles in holders, one on the left and one on the right, casting a warm glow. The overall atmosphere is mystical or ceremonial.

NATHAIR DORCHADAS

MAGIA DE VELAS

MATERIAL DE APOIO DO CURSO | APOSTILA 02

A VELA ENQUANTO MICROCOSMO

Desde tempos imemoriais, o ser humano olha para o céu noturno em busca de respostas. As estrelas, a lua e o sol sempre inspiraram a ideia de que vivemos dentro de uma grande ordem, um cosmo. Diferente de “universo”, que nos soa mais científico e físico, o termo cosmo evoca harmonia, organização, propósito. Na visão espiritual e mística, o cosmo não é apenas um espaço infinito: é uma teia viva, onde tudo está interligado.

A cosmologia espiritual é, portanto, o estudo das relações entre os diferentes níveis da existência: céu, terra e mundo subterrâneo. Os povos antigos não concebiam esses níveis como meras metáforas, mas como realidades interdependentes que podiam ser acessadas em estados de ritual, oração e magia.

E é justamente na simplicidade de uma vela que podemos contemplar essa estrutura. A vela, que parece tão comum no cotidiano, é na verdade um espelho do cosmo inteiro. Ao acendê-la, trazemos para dentro de casa – ou do templo – a própria imagem do universo em movimento.

Para o historiador das religiões Mircea Eliade, o cosmo não é simplesmente um conjunto de astros ou um espaço físico: ele é, sobretudo, um universo ordenado e sacralizado, que se diferencia radicalmente do caos, entendido como a ausência de forma, sentido e estrutura. Essa passagem do caos para o cosmo ocorre através da hierofania, isto é, a manifestação do sagrado no mundo. Cada vez que o sagrado se revela, ele inaugura um espaço significativo, traça limites, funda direções e estabelece um centro.

A chama da vela aponta para cima, sempre buscando elevar-se. Ela representa o mundo celeste, o domínio do espírito, dos deuses e das inspirações divinas. Assim como o céu é inalcançável ao toque humano, a chama também é intangível: não se pode segurá-la sem se ferir, assim como não se pode aprisionar a essência do divino.

Na cosmologia espiritual, o céu é o lugar da luz, da ordem e da inteligência. Ao olhar para a chama, vemos a memória de um sol em miniatura, uma centelha cósmica que conecta nossa prece ao infinito.

O corpo da vela, feito de cera, é a parte sólida e palpável. Ele representa o plano terrestre, o domínio do corpo, da vida cotidiana, da matéria. Assim como nós, a cera se desgasta ao longo do tempo, sendo consumida pelo fogo da existência.

Cada gota que derrete é como um ciclo da vida: nascimento, maturidade, declínio. A cera é a carne que alimenta a chama. Sem o corpo material, o espírito não poderia se manifestar; da mesma forma, sem a vela, não haveria fogo. Essa relação íntima entre cera e chama nos recorda que céu e terra não são opostos, mas complementares.

A parte inferior da vela, que repousa sobre o suporte, é o ponto de contato com o chão. É o reino do abaixo, o mar profundo, o inconsciente, o mundo dos mortos e dos mistérios ocultos.

No imaginário espiritual, o que está abaixo da terra não é apenas escuridão ou perdição: é também fonte, gestação, origem. As águas subterrâneas, o útero do mundo, são o lugar de onde tudo nasce e para onde tudo retorna.

Ao acender uma vela, ativamos essa tríade: a base lembra o mistério e a origem, o corpo material lembra a vida, e a chama é o destino celeste.

CÉU ACIMA

TERRA MEIO

MAR ABAIXO



A vela funciona como um poderoso símbolo de conexão com as esferas cósmicas.

Esse centro é o que Eliade chama de eixo cósmico (*axis mundi*), o ponto de contato entre os diferentes planos da realidade: o céu, a terra e o mundo subterrâneo. Árvores sagradas, montanhas, templos e até mesmo colunas de fogo são representações desse eixo universal. Eles funcionam como “portas” ou passagens entre dimensões, permitindo ao homem religioso situar-se no espaço e no tempo. Assim, o cosmo não é apenas uma paisagem externa, mas também uma estrutura de orientação interior, um mapa existencial.

Para a pessoa religiosa, viver dentro do cosmo é viver dentro de um mundo real, vivo e significativo. Cada pedra, cada rio, cada estrela carrega em si uma lembrança do mito primordial da criação. O cosmo, por ter sido fundado pelos deuses, é repleto de sentido e de presença. Ele não é neutro nem indiferente: é carregado de símbolos, direções e forças espirituais. Esse mundo é, portanto, habitável no sentido mais pleno, pois o ser humano pode se orientar nele, reconhecer seu lugar e participar da ordem cósmica.

Em contrapartida, o homem moderno, como descreve Eliade, vive em um espaço profano. Este espaço não foi consagrado nem fundado pelo mito, mas construído pela razão técnica e pela fragmentação da experiência.

Ao perder a percepção da hierofania, o homem moderno perde também o sentimento de enraizamento. Seu espaço torna-se homogêneo, sem centro, desprovido de orientação espiritual. Nesse espaço profano, as direções são apenas coordenadas matemáticas, e não caminhos carregados de valor simbólico. A vida passa a ser vivida em um terreno desorientado, fragmentado e sem centro, onde a sacralidade se dissolve na banalidade do cotidiano.

Eliade mostra, assim, que a diferença fundamental entre o homem religioso e o homem moderno não está apenas em suas crenças, mas na forma como habitam o mundo. Um o vê como cosmo, pleno de significados revelados pelo sagrado; o outro o experimenta como um espaço vazio, sem referências existenciais. O retorno ao cosmo é, portanto, um retorno à dimensão do sentido primordial, onde cada gesto, cada rito e cada objeto pode reconectar o ser humano à totalidade do universo.

A vela, em sua simplicidade, pode ser compreendida como uma representação material desse cosmo sagrado que Mircea Eliade descreve. Ela não é apenas um objeto utilitário, mas um símbolo vivo que organiza e torna presente a própria estrutura do universo. Ao ser acesa, a vela instaura um espaço diferenciado, cria um “centro” e abre um canal entre os mundos, cumprindo assim o papel de um pequeno eixo cósmico.

Quando acendemos uma vela, criamos, portanto, um microcosmo ordenado: a chama como céu, a cera como terra, a base como abismo. Ela cumpre o mesmo papel que Eliade atribui ao *axis mundi*: conecta dimensões, dá sentido ao espaço e instaura um centro cósmico no lugar onde é colocada. Não é por acaso que, em práticas devocionais, a vela nunca é apenas “mais uma luz”, mas uma presença que transforma o espaço em sagrado.

Acender uma vela, então, é muito mais que iluminar: é recriar o cosmo em miniatura, trazer para o aqui e agora a ordem primordial e permitir que, ao menos por alguns instantes, habitemos novamente um mundo pleno de sentido.



PAVIO

FOGO

CORPO (CERA)

AS PARTES DA VELA - PAVIO



Foto de Espiritografia

O pavio é o eixo secreto da vela, aquilo que costura todos os seus mundos — o de cima, o do meio e o de baixo. Se pensarmos na vela como um microcosmo, o pavio cumpre o papel do axis mundi em sua forma mais literal: é o canal pelo qual a chama se alimenta da cera, transformando a matéria em luz.

Sem o pavio, a chama não encontra caminho para se sustentar. Ele é o condutor da energia, a ponte entre o material e o espiritual. Por isso, em termos simbólicos, o pavio representa a vida interior: aquilo que não se vê de imediato, mas que dá coesão, direção e propósito à existência.

Na cosmologia que a vela encena:

- O pavio mergulhado na cera é a ligação com a terra e o mundo visível. Ele absorve, lentamente, a substância do corpo material da vela, assim como a alma extrai experiências e aprendizados da vida encarnada.
- O pavio ascendente, que se ergue acima da cera e toca a chama, é o contato com o céu, a dimensão espiritual. Ele é o fio da vida que se eleva, permitindo que a matéria se transforme em luz.

O pavio enraizado na base, fixo e escondido, conecta-se ao reino inferior, aquilo que sustenta o todo mas permanece velado.

O pavio, portanto, é o mediador. Ele não brilha como a chama, não tem a solidez da cera, nem a firmeza da base, mas sem ele nada se cumpre. Essa é uma lição simbólica poderosa: muitas vezes, o essencial é invisível e silencioso, cumprindo seu papel discretamente, mas de forma indispensável.

Algumas tradições esotéricas chegaram a atribuir ao pavio o papel da alma ou da consciência individual. Ele é o fio de ligação entre os mundos, a centelha que dá identidade à chama. Quando a vela termina, o pavio se consome junto com a cera, lembrando-nos de que corpo, alma e espírito estão unidos no mesmo destino de transformação.

Assim, na totalidade da vela, o pavio é o eixo da vida, a coluna central que une os planos. Se a chama é o espírito e a cera é o corpo, o pavio é a vida que percorre ambos, tornando possível o milagre da luz.



Tipo de pavio		Características práticas
Algodão torcido		Queima estável e equilibrada
Trançado (Flat braid)		Auto-dobra e evita fumaça
Com núcleo de papel		Firmeza com leveza
Com núcleo metálico		Chama forte, estável, duradoura
Encerado		Fácil de acender, chama constante
Madeira		Crepita, chama larga, atmosfera ancestral
Pavio grosso		Chama intensa, consome cera rápido
Pavio fino		Chama delicada, queima lenta

AS PARTES DA VELA - CERA



Foto de Espiritografia

Se a chama é o espírito e o pavio é o eixo, a cera é o corpo da vela. É ela quem dá forma, consistência e duração à vida do fogo. Ao se consumir lentamente, a cera alimenta a chama, transformando-se em luz e calor. Esse processo é uma metáfora profunda da própria existência: a matéria que se dissolve em energia, o corpo que se entrega ao espírito.

A cera de uma vela é muito mais do que apenas um material combustível; ela é a substância que permite que a luz se manifeste e que o fogo se mantenha de forma controlada. Tradicionalmente, a cera pode ser de origem animal, vegetal ou sintética, e cada tipo traz consigo características próprias que influenciam diretamente na queima e no simbolismo da vela.

A cera de abelha, por exemplo, é apreciada por seu aroma natural adocicado e por queimar de maneira limpa e uniforme, sendo frequentemente associada a práticas espirituais e rituais de purificação. Já as ceras vegetais, como a de soja ou de palma, destacam-se por sua sustentabilidade e por uma combustão mais lenta, o que permite uma duração maior da vela, sendo ideais para rituais ou meditações prolongadas. Por outro lado, as ceras sintéticas, como a parafina, oferecem facilidade de moldagem e preços mais acessíveis, além de possibilitar cores e fragrâncias variadas, embora possam gerar mais fumaça durante a queima.

Além da origem, a cera desempenha um papel físico fundamental: ela alimenta o pavio, que ao absorver a cera derretida, mantém a chama acesa, criando um ciclo contínuo de combustão. Em termos simbólicos, a cera também é vista como a substância que materializa intenções e energias, permitindo que o ato de acender uma vela se torne um gesto de foco, conexão espiritual e manifestação.

A textura, a densidade e o ponto de fusão da cera influenciam não apenas a estética da vela, mas também sua eficiência e segurança, tornando esse elemento essencial para qualquer prática que envolva luz, calor e simbolismo.



Tipo de Cera	Origem	Características Principais
Cera de Abelha	Animal (abelhas)	Aroma natural adocicado, queima limpa e uniforme, ponto de fusão alto, natural e densa
Cera de Soja	Vegetal (soja)	Queima mais lenta, baixa emissão de fumaça, sustentável, ponto de fusão médio
Cera de Palma	Vegetal (palma)	Queima estável, cristaliza bem, ponto de fusão médio, durável
Parafina	Sintética	Barata, fácil de colorir e perfumar, ponto de fusão médio, pode gerar mais fumaça
Cera de Abacate	Vegetal (abacate)	Queima lenta, natural e sustentável, cor clara, baixa toxicidade
Cera de Coco	Vegetal (coco)	Queima muito lenta, limpa, ponto de fusão baixo, mistura bem com outras ceras
Cera de Rícino	Vegetal (rícino)	Viscosidade alta, queima uniforme, pode ser combinada com outras ceras



No mercado de velas, a variedade de tamanhos e formatos é ampla, cada um com características específicas que influenciam o tempo de queima e o uso adequado. Entre os tipos menores, destacam-se as velas de chá ou votivas, com cerca de 3 a 5 centímetros de altura, que queimam em média de 2 a 5 horas, sendo ideais para intenções pontuais, orações rápidas ou pequenos altares.



As velas palito, finas e alongadas, normalmente com 15 a 20 centímetros de altura, apresentam uma queima mais lenta que as votivas, variando de 6 a 10 horas, sendo muito usadas em altares domésticos ou em rituais simples que exigem uma chama contínua e delicada.

Já as velas coluna ou pillar, que podem medir de 10 a 30 centímetros de altura e ter diâmetros variados, possuem uma cera mais densa e uma queima mais prolongada, entre 20 e 60 horas, adequadas para meditação prolongada, rituais e decoração de ambientes. As velas de altar ou cerimoniais, maiores, com 40 centímetros ou mais, oferecem uma queima estável de 50 a 100 horas, sendo valorizadas em oferendas, celebrações ou práticas espirituais que exigem manutenção constante da luz.



Outro grupo especial são as velas de sete, vinte e um dias ou ainda maiores, conhecidas como velas de novena ou de fé. As velas de sete dias têm a queima contínua de aproximadamente 168 horas, enquanto as de vinte e um dias chegam a 504 horas, dependendo da composição da cera e do diâmetro do pavio. Essas velas são usadas principalmente em rituais prolongados, intenções espirituais profundas e celebrações religiosas, pois permitem que a chama permaneça acesa por períodos extensos, simbolizando perseverança e continuidade da energia.



VELA RECHAUD

Essas velas estão disponíveis com gramatura que varia de 5g a 25g e seu tempo de queima não costuma passar de 1hr e **não servem para feitiçaria**, somente para meditações e exercícios mágicos.



VELA FINAS

Velas finas e compridas, no estilo de aniversário, também possuem queima rápida e baixa gramatura, mas pode ser usada na feitiçaria quando utilizada de forma trançada ou amarrada para representar situações ou pessoas diferentes, como grupos.



VELA PALITO

As mais comuns e versáteis, com tamanhos, gramaturas, cores e tempo de queima muito variados. As mais utilizadas em feitiçaria e práticas devocionais e votivas.



VELA DE DIAS

Também muito comuns e versáteis, se apresentam com queimas que variam de 2 a 90 dias (podendo encontrar algumas com tempo de queima ainda maior) sendo a de 7 e 21 dias as mais comuns. Usada na feitiçaria e em atividades devocionais e votivas.

REFERÊNCIAS

DORCHADAS, Nathair. Magia Celta - Estudo e Prática, Pedreira, São Paulo: Dólmén Publicações, 2019.

ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano: A Essência das Religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FRAZER, JG, La Rama Dorada. Fondo de CE México-Madrid-Buenos Aires, 1944.

TONDRIAU, J. - Dicionário das ciências ocultas, La tabla de esmeralda, EDAF, Madrid, 1985.